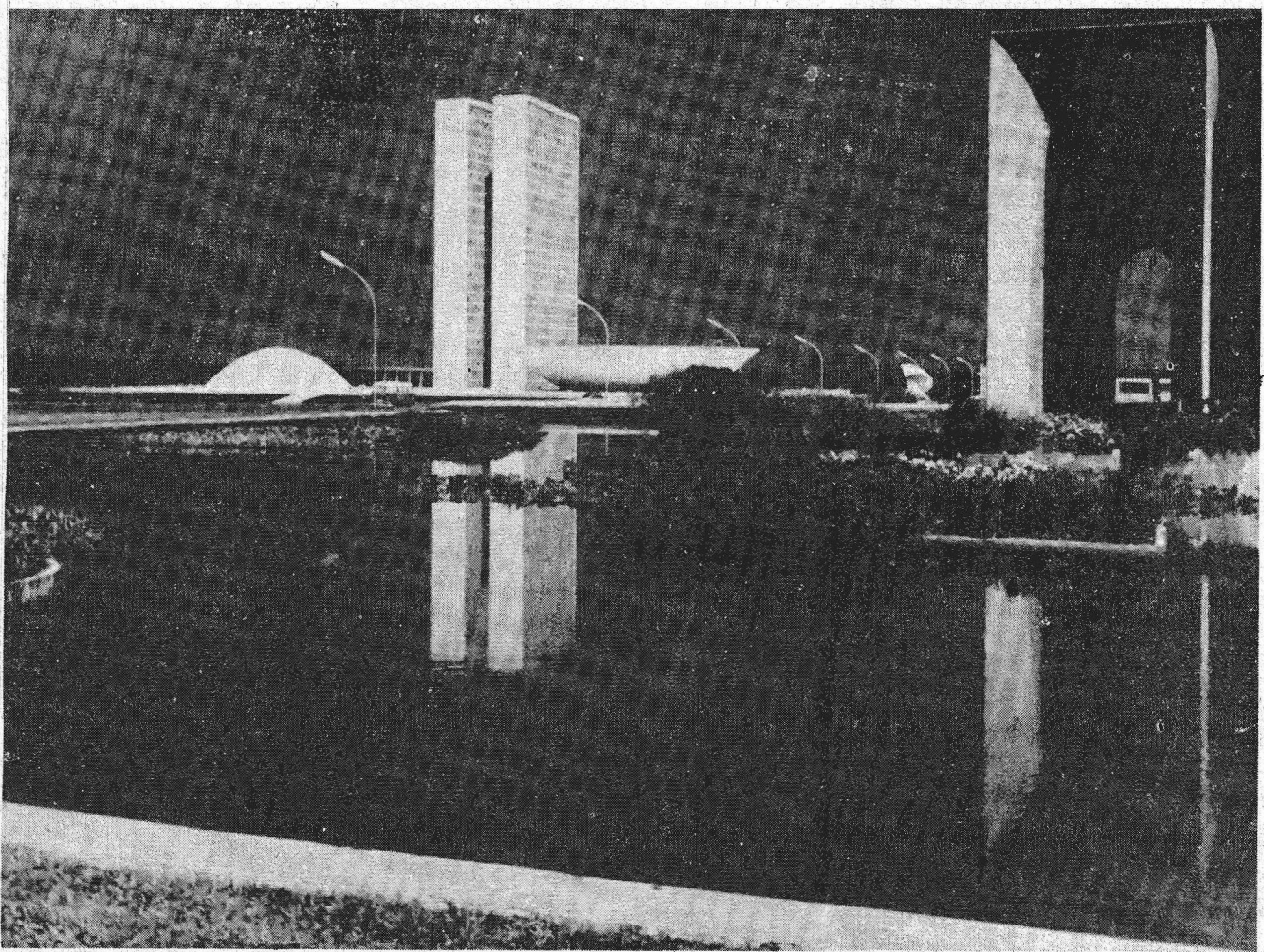


BRASÍLIA: METRÓPOLE OU SIMPLEMENTE MUNICÍPIO?



A beleza fria de Brasília apavora os primeiros dias de seus novos moradores

Jaime Collier Coeli, redator do "Correio", chegou a Brasília recentemente, vindo de São Paulo e de muitas redações de jornais. Ele vive ainda o drama do implante existencial, longe da família, numa cidade feita por estranhos, para acolher estranhos. O texto que se vai ler é espécie de diálogo entre ele e a cidade, cada um querendo saber o que pode dar e o que deve receber. Uma experiência que a maioria dos habitantes de Brasília já viveu ou, como Jaime Collier Coeli, está vivendo.

MITOS DOS 15 ANOS

1. A SOLIDÃO DO PLANALTO

Tem-se chorado em prosa e verso a solidão de Brasília. Um amigo do Instituto Nacional do Livro dizia-me, entre um uísque e outro, que "Brasília é uma condenação". Outro, muito bem posto, lastimava a tristeza de não ter o que fazer. "Você verá que, entre o Gilberto Salomão e o Gilberto Salaminho pouco existe. Deitar-se na grama do Yacht Club não o fará esquecer as areias e o mar. E os burgueses cafés no aeroporto não se igualam ao vai-e-vem da classe média em Congonhas".

Talvez a única solidão real existente no Distrito Federal seja a do cerrado, no verão. Mas até isso está por terminar com a irrigação e o plantio racional. Creio que, se Brasília quiser sofrer de angústia, terá de encontrar outras, mais intrínsecas do que a da falta de esquinas, boates ou praias. Talvez as encontre no "divertissement metafísico, que é o verdadeiro esporte municipal".

2. AS RELIGIÕES DE BRASÍLIA

"Amigo, agora que somos íntimos, vejo em você um irmão. Quero fazer-lhe revelação: eu tenho poderes especiais".

São legião: uma simpática nortista que cura dores de cabeça pela aproximação da mão (contou-me estória engraçada: na noite de núpcias o marido quis exercer seus direitos e ela não deixava. Por fim ameaçou espancá-la. E ela: "Considero-me batida"). E deu no pé. Depois disso, desenvolveu seus poderes especiais; representantes de inúmeras maneiras de conseguir superar dificuldades na vida ou doenças por mais de mil religiões diferentes. E cada um com uma estória parecida humanizando esse breve contato com o além.

Lembrei-me de um livro antigo, esgotado, do saudável João do Rio: "As Religiões no Rio". Deve ser o mal das capitais. Ou talvez tenha sido para mim uma revelação, que nunca levei vida de solteiro tanto tempo em lugar algum - e por isso ando a observar ninharias. Mas suponho que haja explicação de cunho psicológico: onde o poder aparece de forma tão estonteante, é preciso que os 70 por cento da população não empregada nele diretamente exerça por si própria algum. Só resta o sobrenatural. Para meu gosto, como gastei (e não lastimo) boa parte de meu tempo de Faculdade estudando "O Ramo Dourado" da Frazer, sobre o procedimento mágico, seus acertos, desacertos, tapeações, surpreendeu-me ver, de inopino, uma pleiade tão

grande de feiticeiros excepcionais reunidos. Era pelo menos contra qualquer cálculo estocástico.

A princípio assustei-me. Depois compreendi que há mil maneiras de comunicação e mil tipos de ouvintes. Faço apenas uma ressalva: que eu saiba, o Supremo Arquiteto não aprecia seja seu nome invocado em vão.

3. O TRAFEGO TERRÍVEL

"Morre-se com muita facilidade no Grande Eixo quando chove. Este tráfego é terrível".

Realmente isso é verdade talvez pela velocidade permitida, talvez pelas lombadas e inclinações da pista. Mas esse é o mal de todas as vias expressas brasileiras. Especialista nesse tipo de rodovias dizia-me que não tinha tido a possibilidade de planejar uma com o escoamento de águas pluviais adequado - e era responsável pelas vias expressas em estudo em São Paulo.

Mas o tráfego é terrível, os congestionamentos do Setor Comercial Sul já preocupam: falta espaço na cidade em que o espaço era livre e a preço vil. E nisto os brasileiros têm razão de queixa. É também cidade do automóvel, em que o coletivo - planejado talvez por gente que só use carros oficiais - não cumpre suas funções.

4. A FALTA DE DINHEIRO

"O dinheiro não pára aqui. Quando as edificações são contratadas a firmas de outros Estados os departamentos de compra, centralizados, deixam no Distrito Federal apenas os salários da mão-de-obra; tudo que você vê nesta sala foi comprado fora de Brasília. O dinheiro flui, esvaíse. Algumas empresas maiores mantêm uma remessa direta de dinheiro. Nós ficamos com muito pouco: tudo aqui depende dos salários governamentais. Houve lojas que fecharam, correndo atrás de miragem: tinham capital de giro que dava para atender a determinada clientela. Para aumentar o número de compradores, passaram a funcionar com o capital de giro no negativo. Eventual retração de compras as pegava com estoques repletos e sem dinheiro para efetuar pagamentos. E assim empresas de fora ocupavam o lugar".

Diante de choro tão forte, lembrei que o comércio poderia optar por instalar unidades de produção - qualquer coisa ou, pelo menos, no setor de alimentação e vestiário. Acusaram-me de ser partidário da poluição.

5. AUTORIDADE DELEGADA

José Carlos de Oliveira criou uma expressão - AS-PONE - para designar aquelas personalidades que jamais podem falar, dificilmente encaminham algum assunto e frequentemente pedem tempo para solicitar orientação superior. Brasília é o paraíso deles, e o único jeito de alguém exercer o jornalismo aqui é tratar de conhecer os superiores. Senão, toma um chá de cadeira perpétuo. Houve um aspare que, para sonegar informação, tentou me explicar o que era ser bom brasileiro. Tive de revidar: Até prova em contrário sou tão bom brasileiro quanto Vossa Senhoria. Falsa modestia. Tenho certeza de que sou melhor.

6. AS PH-5

Levei um tempo enorme para decorar as diferenças sutis que o arquiteto tentou

criar acima da W/3 classificando os tipos de moradia populares (apesar de estarem algumas, na atualidade, a preço acima dos quinhentos milhões) em HP-3, HP-5 etc. afinal descobri que é uma região com grande número de pensões. Deterioração urbana ou a lei do eterno retorno afirmando que o que era para ser popular acaba sendo pelo menos popularesco?

7. QUEM PAGA QUEM?

"Eu pagaria de bom grado o hotel se tivesse recebido as comissões que não me pagam há oito semanas. Mas não se preocupe: pode pendurar o almoço na cantina. Não deixe para dever amanhã o que pode dever hoje, pois certamente o que deverá receber, amanhã, somente sairá no mês que vem".

A princípio pensei que era brincadeira. Depois percebi que o brasileiro é fogo para pagar e sofre para receber. Mas não tem importância: os calotes de alugueres são dados com dois fiadores de garantia. Isso confirma o ditado: "Na falta de confiança, nada pior que o excesso de garantias".

PERSONAGENS

1. ALMOÇO

Encontramo-nos no restaurante vazio - os dois fora da hora usual de almoço. Sentamo-nos em mesas separadas, mas frente a frente, ambos remoendo o incomodo sentimento de boi que come ou bebe só. E principiámos - meu contendor ou parceiro, não sei - o mesmo almoço solitário e cheio de requintes, justamente para disfarçar a solidão, em mesas diferentes.

Comíamos lentamente, sem pressa, esgotando o vazio do estomago, mas não o do ambiente e nem da alma. Súbito, notei que seus gestos estavam mais lentos que o meu, mais tristes. Pensei:

-Então a você também pegou-lhe o sentimento do ambiente vazio, da solidão à mesa?

Estávamos ambos alimentados, derrotados, pobres, exangues. Mas estávamos na capital da República, exercendo nossas profissões. E com a comida difícil de descer, para o estomago paradoxalmente faminto.

2. MULHERES OCASIONALMENTE

Primeiro observei que as mulheres de Brasília adoram martini. Depois reconheci que esta é um vício mundial.

Por fim percebi que elas, principalmente as jovens, têm algo a ver com o dedo do arquiteto: são quase todas de linhas inacabadas, criando uma sensualidade de "suspense", baseada mais no que podem vir a ser, do que podem conter, do que na exuberância da obra acabada e oferecida ao morador. As mulheres de Brasília estão em obras.

Tais como as árvores dos cerrados, as mulheres que aqui cresceram (abaixo de vinte e cinco anos), são extremamente fincadas à terra, com sólidos alicerces e bases exuberantes. Faltalhes, frequentemente, maior desenvolvimento nas folhagens.

Exatamente como a cultura planaltina, as mulheres de Brasília frequentemente frequentam faculdades. Mas a biblioteca é parca, a informação é pequena, e a agilidade intelectual não é grande. Sobre-lhes a malícia do imediato, a agilidade

para o material, a firmeza da cobrança dos alicerces.

Mulheres de Brasília, que passaram em pouco tempo do "Milkshake" ao martini (duas beberagens horribéis), não se lhes pode negar todavia a qualidade máxima da espécie. Adoráveis, "at all".

3. OS BÊBADOS

Os bêbados da Ceilândia, nos fins de semana, principiam seu ritual no campo de futebol e terminam nos botecos, onde a agressividade é dirigida para uma provável troca de sopapos. São pessimamente compreendidos pela polícia ou pelos reporteres, que tentam negar-lhes o sistema normal de compensação pelas frustrações. Fosse prefeito, instalaria "pushing balls", sacos de areia e demais apetrechos, com "slogans" provocativos à portas dos botecos. E eles estariam felizes às segundas-feiras.

Os cavalheiros que bebem profissionalmente nos cocktails têm frequentemente o melhor whisky e podem esgrimir polidamente seus conhecimentos sobre economia, política, artes plásticas ou negócios. Com a vantagem que, muito mais treinados na nobre arte da esgrima, podem verter as frustrações sem graves problemas sociais.

Aos bebados, ortodoxos ou profanos, eruditos ou analfabetos, técnicos ou mão-de-obra não qualificada, rendo minhas homenagens. Sem eles não haveria um único assunto "curtido" em Brasília e em lugar nenhum do mundo. São péssimos ouvintes, mas são presentes, comungam a hóstia de qualquer tolice. São ótimos. E todos nos empenhamos nesse rodízio de iniciação aos assuntos palpitantes nosse provável cirrose futura.

METRÓPOLE OU MUNICÍPIO?

Não é intrinsecamente boa nem má. Como município, é, em termos nacionais, um dos que têm melhor infra-estrutura. Como metrópole, sofre o ataque dos saudosistas. Não entendi, por exemplo, porque a Asa Sul é mais "bem" do que a Asa Norte, a não ser por comparação com o Rio de Janeiro. Em São Paulo, as áreas perto do aeroporto são desvalorizadas em virtude do barulho: em Brasília são disputadas, por darem "status".

Mas não é nas comparações com Rio e São Paulo que Brasília se define como metrópole ou município. Terá de definir-se intrinsecamente, pelo seu fôlego próprio, e pela Região que influenciar. As decisões políticas são importantes, mas terminam sendo nacionais e não apenas brasileiras. Brasília, para ser metrópole, terá de ter personalidade própria: econômica e cultural. Por incrível que pareça, a definição do caráter de Brasília se dará na parcela da população não empregada pelos setores públicos.

E esta ainda é muito heterogênea, muito pobre, muito preocupada - no seu nível mais alto - em colecionar diplomas e não ter cultura, no sentido da Paideia, por exemplo.

Brasília é um grande município. E será metrópole. Mas não apenas pela transferência de órgãos dos poderes públicos.